

Óscar González  
Pablo Sagarra

# O LIVRO DO SOLDADO DO III REICH

Ilustrações de  
Antonio Gil

Tradução de  
Margarida Luzia

a esfera  dos livros

## ÍNDICE

Introdução . . . . .	11
1. O EQUIPAMENTO DO SOLDADO ALEMÃO . . . . .	15
2. ALEMANHA TRIUNFANTE: GUERRA RELÂMPAGO NA POLÓNIA E NA FRANÇA . . . . .	21
3. LOBOS CINZENTOS EM SCAPA FLOW . . . . .	29
4. JUNKERS JU 87 STUKA: O SÍMBOLO DA BLITZKRIEG . . . . .	37
5. GEBIRGSJÄGER. OS HOMENS DE DIETL . . . . .	43
6. FALLSCHIRMJÄGER: «SURPRESA, BLOQUEIO, PÂNICO» . . . . .	51
7. A KRIEGSMARINE NO INÍCIO DA GUERRA . . . . .	59
8. A BATALHA DE INGLATERRA . . . . .	65
9. CRETA: O TÚMULO DOS PARAQUEDISTAS ALEMÃES . . . . .	73
10. OPERAÇÃO BARBA RUIVA . . . . .	83
11. O GENERAL FAVORITO DE HITLER . . . . .	91
12. A GUERRA NO NORTE DE ÁFRICA . . . . .	101
13. O OITO-OITO . . . . .	104
14. VOLUNTÁRIOS ESTRANGEIROS NA WEHRMACHT . . . . .	113
15. RUSSOS CONTRA ESTALINE . . . . .	121
16. A WEHRMACHT CERCADA: AS BOLSAS DE DEMYANSK E CHOLM . . . . .	129
17. CANHÕES AUTOPROPULSIONADOS ALEMÃES: OS VERDADEIROS PANZER. . . . .	135

18. A TERRÍVEL DERROTA DE ESTALINEGRADO . . . . .	141
19. AS ARMAS ANTICARRO DA WEHRMACHT . . . . .	149
20. KURSK: A MAIOR BATALHA DE CARROS DE COMBATE DA HISTÓRIA . . . . .	155
21. METRALHADORAS E SUBMETRALHADORAS DA WEHRMACHT . . . . .	161
22. OS SERVIÇOS E A LOGÍSTICA NA WEHRMACHT. . . . .	169
23. ALEMÃES EM ITÁLIA: O HERÓI DE MONTECASSINO. . . . .	177
24. ALEMÃES NA NORMANDIA: UM TÚMULO EM ORLANDES. . . . .	183
25. O TERRÍVEL CARRO DE COMBATE KÖNIGSTIGER . . . . .	189
26. A DEFESA DO REICH . . . . .	195
27. UM ÁS DA LUFTWAFFE . . . . .	201
28. COMANDOS DE ATAQUE DA KRIEGSMARINE . . . . .	207
29. ARMAS SECRETAS E INOVADORAS DO III REICH . . . . .	215
30. A DERROTA DA WEHRMACHT. A BATALHA DE BERLIM . . . . .	221
Bibliografia. . . . .	229

*Para Juan Conde, defensor da vida: estamos contigo.*

## INTRODUÇÃO

*Se lê tranquilamente, sem compreender, no sofá ou na cama, a história de Verdum ou Estalinegrado, com o traseiro bem refastelado, e no dia seguinte se renova o aprazível que fazer... Não, estes livros devem ser lidos em desconforto, de forma esforçada, dando-se por feliz por não ser obrigado a escrever à família desde o fundo de uma trincheira.*

GUY SAJER (veterano da Divisão Grossdeutschland), *O Soldado Esquecido*

*As vitórias autênticas e duradouras são as da paz, não as da guerra.*

RALPH WALDO EMERSON

Dada a historicidade da natureza humana, nunca devemos ignorar o passado. Nestes inquietantes tempos, ficaríamos sem dúvida desorientados caso não compreendêssemos os avanços e recuos ocorridos no século xx. Para sabermos qual é o rumo da nossa sociedade, devemos conhecer a fratura, europeia e mundial, protagonizada pela Segunda Guerra Mundial.

Entre 1939 e 1945, o planeta abraçou a autodestruição. Com raízes na «absurda Grande Guerra» de 1914/1918, países totalitários e democráticos, alguns deles envolvidos em crises profundas, enfrentaram-se até à morte. Como afirmou Paul Johnson em *Tempos Modernos*, o Estado foi o grande vencedor do século passado, mas tal constituiu também um retumbante fracasso, dada a destruição que provocou ao subjugar, a despeito da dignidade humana, inúmeras nações e povos. Cingindo-nos ao período da Segunda Guerra Mundial, é inegável que a Alemanha nazi esteve na origem e epicentro do conflito. Não obstante, a agressividade e

belicosidade não foram de todo características exclusivas de Hitler ou dos alemães.

Não é essa, no entanto, a questão que agora pretendemos esmiuçar. Acreditamos que, hoje em dia, é necessário refletir sobre o exército do III Reich, sobre o seu armamento e capital humano, elementos com os quais, e durante cinco anos, Hitler conseguiu dominar quase toda a Europa. Queremos falar em particular da alma da Wehrmacht, dos seus soldados, daquelas duas gerações de homens, a maioria alemães, mais de vinte milhões, que envergaram o emblemático uniforme Feldgrau. E é justo admitir tratar-se de um traje que, dada a realidade dos factos e a propaganda aliada contemporânea e posterior, ficou em grande medida manchado pelos horrores e crimes cometidos ou consentidos pelos dirigentes máximos do III Reich, sobretudo na sua infame perseguição racial, e por todos aqueles que, usando-o, atuaram de forma desonrosa no campo de batalha ou fora deste. Porém, nunca se devem fazer generalizações quando se trata de julgar o perfil humano e moral de uma entidade coletiva como um exército. A verdade histórica exige que individualizemos, que nos foquemos nos protagonistas para melhor compreender os seus feitos.

O nosso objetivo é falarmos do soldado da Wehrmacht, dos materiais que utilizou e das suas vivências bélicas. Um cartaz nacional-socialista da época anunciava: *Harte Zeiten, Harte Pflichten, Harte Herzen* (Tempos duros, deveres duros, corações duros). Os tempos e os deveres que se abateram sobre o soldado alemão foram de facto duros, como tão bem demonstra a história que este escreveu desde a Polónia, Narvik, Creta e Tobruk, até Estalinegrado e à defesa de Berlim, não esquecendo os mares de meio mundo. Não há dúvida de que necessitava de ter um coração duro para sobreviver à guerra, mas duro não deve ser sinónimo de inumano ou brutal. O soldado alemão, com a sua carga de emoções e trabalhos, e como qualquer soldado apanhado no turbilhão da guerra, teve de lutar, matar e morrer. Mais de três milhões de soldados alemães, aos quais se somam outras duas dezenas de milhões de soldados

de outros países, não regressaram a casa. É-nos impossível encarar estes números com frieza. Setenta e dois anos após o fim da guerra, é possível debruçarmo-nos sobre estes protagonistas com serena objetividade e melhorar o conhecimento das suas idiossincrasias e das suas ações.

Neste livro apresentamos uma síntese sobre o soldado da Wehrmacht. Em 30 capítulos, analisamos os corpos, armas, personagens e campanhas mais significativas dessa revolucionária máquina de guerra, assistindo à sua expansão e às suas vitórias, bem como à sua queda e derrota final. Fiéis ao nosso estilo, juntámos à síntese e à erradicação de tecnicismos testemunhos pessoais de vários protagonistas. Os seus relatos dão mais luz e cor: uma maior compreensão do drama humano que nos propomos estudar. Contemplar os acontecimentos através dos olhos dos seus protagonistas é essencial na nossa forma dinâmica de abordar a história. Assim, e apoiando-nos em ilustrações de Antonio Jesús Gil Ortega, procurámos construir um relato leve e fiel. Será o leitor a ditar se o conseguimos ou não.

## O EQUIPAMENTO DO SOLDADO ALEMÃO

O símbolo mais visível do uniforme alemão, de cuja estética se cuidou desde a época prussiana, anterior à unificação de 1871, era a águia no peito, a denominada *Hoheitsabzeichen*, o emblema da soberania. Todas as patentes as exibiam por cima do bolso peitoral direito na maioria das peças que compunham os vários uniformes, identificando os seus portadores como aptos a usar armas. A versão usada pelo exército foi introduzida a 17 de fevereiro de 1934, com efeito pleno a partir de 1 de maio, e representava uma águia com as asas direitas, abertas, agarrando uma suástica circunscrita por um círculo. A Luftwaffe (assim como a Waffen-SS) introduziu o seu próprio estilo: a águia não era estática, estendendo as respetivas asas numa postura dinâmica e sustentando com as garras uma suástica desprovida de círculo.

Após as disposições de 8 de abril de 1935, começaram a surgir as diferentes peças do novo uniforme alemão. Na verdade, estes uniformes e insígnias eram uma continuação das tradições dos precursores da Wehrmacht. Nos finais de 1935, foram definidos os principais modelos do uniforme. A cor base era um cinzento-esverdeado, introduzido a 2 de julho de 1929, a que se deu o nome de Feldgrau (cinzento de campanha).

O equipamento de combate alemão era muito funcional, relativamente leve e bem desenhado. A qualidade começou a deteriorar-se





Soldado da Wehrmacht descansando. É visível o seu cantil, cartucheiras, botas e capacete regulamentares.

a partir de 1942, quando aumentou o uso de materiais alternativos em detrimento do couro, bastante escasso na Alemanha nos últimos anos da guerra, embora se tenha tentado conservar sempre os elevados padrões da característica estética alemã. Com acabamento liso ou rugoso, o couro foi o material mais usado no equipamento de combate alemão, sendo o principal componente de cintos, suspensórios, cartucheiras e coldres, e também essencial em debruns, correias e reforços.

Falemos agora daquele que, sem dúvida alguma, foi o grande símbolo da Wehrmacht: o capacete de aço (*Stahlhelm*), cujo modelo M35 foi introduzido em junho de 1935. Passados dois anos, já tinham sido produzidas cerca de milhão e meio de unidades. Na origem deste capacete está o modelo usado pelo exército alemão em 1916, em plena Grande Guerra. Este primeiro capacete moderno, ainda que menos estético do que o clássico *Pickelhaube*, o capacete de «ponta» prussiano, era mais eficaz contra esquirolas e balas. Foi um capacete revolucionário, concebido para proteger o crânio até abaixo das orelhas e para cobrir os olhos.

A produção do sofisticado M35 era morosa e exigia muito trabalho. O ponto de partida de todo o processo era uma placa de molibdeno com 1,1 a 1,2 milímetros de espessura que era submetida a vários processos de estampagem e temperamento até se obter a forma desejada. O bordo do capacete era moldado de fora para dentro e finalizado manualmente a golpes de martelo na última têmpera. O capacete apresentava cinco furos: dois para rebitar os orifícios de ventilação e outros três, maiores, para fixar o revestimento. A última fase do processo de produção era a pintura e secagem em forno. O peso final do modelo variava entre 810 e 1,170 gramas. Como traço distintivo, ambos os lados do capacete tinham impressas duas imagens: do lado esquerdo, a águia prateada da Wehrmacht sob um fundo negro, com as asas fechadas; e no direito, as cores nacionais do Reich (negro, branco e vermelho). Mas estas não duraram muito; em 1940, por razões relacionadas com a camuflagem, eliminou-se oficialmente a impressão das cores nacionais e, em 1943, desapareceu a da águia, ainda que o seu uso tenha perdurado durante toda a guerra.

Com o decorrer do conflito, o processo de fabrico simplificou-se. O sucessor direto do capacete M35 foi o modelo M42, com uma forma idêntica, mas com diferenças significativas ao nível da produção. Só era submetido a quatro fases de estampagem e o rebordo feito à mão foi substituído por um mais tosco e aguçado. Além disso, era aplicada ao capacete uma pintura misturada com limalha de ferro, o que lhe conferia um acabamento rugoso e um tom acinzentado. Foi concebida uma curiosa variante do capacete de aço M35 para as unidades de tropas paraquedistas. Este modelo, denominado M38, não apresentava proteção de pescoço, possuindo recortes laterais, bem como viseira, numa consciente tentativa de eliminação de qualquer saliência passível de se enredar durante o salto e danificar fatalmente as linhas dos paraquedas.

Embora o acabamento dos capacetes fosse fosco, com o uso, a pintura começava a desaparecer, dando lugar a brilhos perigosos

para o soldado, já que, desta forma, podia ser detetado pelo inimigo. Para evitar este risco, o soldado da Wehrmacht desenvolveu várias formas de camuflagem: desde a aplicação de barro misturado com tinta sobre a superfície ao uso de arame ou rede metálica de galinheiro para prender folhagem. Até se chegou a utilizar pasta de dentes para camuflar os capacetes em regiões com neve. Durante os primeiros meses da guerra, a correia da denominada bolsa do pão estava disposta de forma engenhosa em volta do capacete para facilitar a colocação de folhas e ramos. Mas com o avanço do conflito, começaram a aplicar-se redes e forros de camuflagem de face dupla (branco e camuflado), ainda que a sua distribuição se tenha reservado principalmente a tropas de elite e de primeira linha.

### Gott mit uns



Cinto com a inscrição «*Gott mit uns*».

A máxima «*Gott mit uns*» («Deus conosco», em alemão), presente na fivela do cinto do soldado alemão, não foi concebida durante o III Reich, sendo própria

do reino da Prússia desde 1701 e adotada, por sua vez, quase cem anos antes, na Guerra dos Trinta Anos, pela coligação Brandeburgo-Prússia. Com a unificação da Alemanha em 1871, foi usada pelo II Reich e, desde 1918 até 1945, sucessivamente pelo Reichwehr e pela Wehrmacht. Após o fim da guerra e até 1970, foi utilizada pelas forças policiais da República Federal Alemã. Provém da expressão latina «*Nobiscum Deus*», o grito de guerra romano e bizantino igualmente usado pela Ordem Teutónica.



O soldado da imagem, armado com a lendária espingarda Karabiner 98k (carabina curta, modelo 1898), exibe muito do equipamento usado pelo soldado alemão em 1939: três cartucheiras de couro negro de cada lado do cinto, cantil, botas de marcha, capacete com decalque das cores do Reich e boné de campanha. As suas calças são de pano cinzento: só se confeccionaram com o chamado pano Feldgrau a partir de 1940. Note-se a presença da bolsa da máscara antigás (para gás mostarda) de utilização única colocada sobre o peito. Contrariamente ao sucedido na Grande Guerra, na Segunda Guerra Mundial não se usaram armas químicas.

## ALEMANHA TRIUNFANTE: GUERRA RELÂMPAGO NA POLÓNIA E NA FRANÇA

Às 04h45 do dia 1 de setembro de 1939, unidades da Wehrmacht cruzaram a fronteira oriental da Alemanha, penetrando em território polaco. Graças aos acordos de ajuda e defesa mútua assinados entre o governo polaco, a Grã-Bretanha e a França, estes dois últimos países declararam de imediato guerra à Alemanha. E assim começava a Segunda Guerra Mundial, com a materialização da temida capacidade de ataque da rearmada Alemanha de Hitler. A *Blitzkrieg*, a Guerra Relâmpago, conseguiu destroçar o exército polaco em vinte e seis dias. Duas semanas após o início das hostilidades, o ataque veio de leste, perpetuado pelo Exército Vermelho da União Soviética. Num curto espaço de tempo concluiu-se a invasão e ocupação da Polónia. E mais uma vez na história contemporânea, o solo polaco dividia-se em duas zonas, como Hitler e Estaline tinham pactuado a 25 de agosto.

A Polónia estivera sempre na mira alemã, muito antes da ascensão de Hitler ao poder. Anteriormente, e ao longo da sua história, russos e alemães tinham já repartido três vezes o território polaco, cujas fronteiras, fracas e ameaçadas, tinham sempre variado. O país contava com 19 milhões de habitantes em 1939: cerca de um milhão dos seus cidadãos alemães concentrava-se nos arredores da fronteira ocidental (a metade ocidental da Polónia tinha sido conquistada pela Alemanha na sequência da Primeira

Guerra Mundial) e quatro milhões de ucranianos viviam junto à fronteira oriental, sem esquecer a presença de dois milhões de judeus, um grupo numeroso mas malvisto pelos polacos. Todas estas gentes formavam um país jovem, ainda que de difícil coesão social e cultural. E se a presença do Estado polaco não agradava aos alemães, ainda menos alegrava aos russos, os quais tinham visto os polacos conquistar parte das suas terras a seguir à Grande Guerra.

A 3 de abril de 1939, os alemães já tinham posto mãos à obra: o Alto Comando da Wehrmacht emitira ordens para começar a preparar a operação de invasão da Polónia. Teria forçosamente de ser uma manobra rápida, com a clara intenção de impedir a mobilização do exército inimigo e evitar, assim, uma luta em duas frentes, algo que os alemães não desejavam de forma alguma. A Wehrmacht não queria uma guerra longa. A pouco montanhosa Polónia era o terreno ideal para o avanço de unidades mecanizadas, mas estas não poderiam deter-se no ataque, já que as chuvas, frequentes em finais de setembro, podiam converter o terreno num impraticável lamaçal. Os caudalosos rios polacos, em particular o Vístula, eram, *a priori*, o grande obstáculo. O plano traçado pelo general Halder indicava o dia 26 de agosto para o início das operações. Era evidente que adiar continuamente a data facilitaria cada vez mais a aproximação da Polónia à Grã-Bretanha e à França, o que levou Hitler a iniciar as hostilidades no primeiro dia de setembro. Desta vez não haveria lugar para a diplomacia nem para uma nova «Guerra das Flores», como se tinham denominado as anteriores anexações de Memel ou dos Sudetas; era mesmo guerra.

A Alemanha atacou pelo norte, a partir da Prússia Oriental, pelo oeste e pelo sul, movimentando 1 512 000 homens, organizados em dois grupos de exércitos, com um total de 53 divisões (37 de infantaria, quatro motorizadas, três de montanha, três ligeiras e três blindadas). Às 06 horas do dia 1 de setembro, duas horas após o início da invasão, Varsóvia foi bombardeada sem qualquer aviso prévio. Os ataques centraram-se em linhas férreas e estradas,



impedindo uma resposta organizada do exército polaco, que contava com 1 100 000 soldados, distribuídos por 40 divisões de infantaria, duas mecanizadas e 11 brigadas de montanha de cavalaria.



Soldados da Luftwaffe na Polónia.

Como, antes do ataque, a cidade de Danzig tinha sido foco de problemas e tensões, os polacos julgaram que os alemães se concentrariam na conquista do corredor que os separava da cidade, optando, portanto, por enviar um terço das suas tropas para reforçar consideravelmente esse setor. Os polacos lutaram com valentia, mas equivocaram-se na sua estratégia de «defender tudo», tornando real a afirmação de Frederico, o *Grande*, que dizia que «quem quer defender tudo, nada defende». Pondo em prática uma outra forma de conceber a guerra, os alemães destroçaram as movimentações polacas, as suas unidades de infantaria e de cavalaria. Subestimando a força blindada alemã, acreditando que os alemães continuavam a depender dos obsoletos blindados dos anos 20, os polacos foram ultrapassados por tropas velozes e bem equipadas. E a sua sorte foi ditada quando, a 17 de setembro, 41 divisões do Exército Vermelho

os atacaram pela retaguarda. Conta-se que o general Alfred Jodl, chefe de operações do Alto Comando da Wehrmacht, inquiriu, alarmado, ao ser informado da notícia: «Contra quem atacam?» A verdade é que o pacto com os soviéticos, assinado escassos dias antes, era tão sigiloso que nem os oficiais que dirigiam as operações na Polónia o conheciam. Também os polacos tinham assinado um pacto militar secreto com os franceses, comprometendo-se estes a atacar a Alemanha caso esta perpetrasse uma ataque em solo polaco, mas de pouco valeu, três dias após o decretar da mobilização. Nem a França nem a Grã-Bretanha agiram para salvar o seu aliado... Atacados em quatro frentes e esmagadoramente ultrapassados em número de efetivos, a 27 de setembro os polacos renderam-se oficialmente. A 6 de outubro, os combates cessaram por completo.

O que sucedeu na Polónia foi uma campanha fugaz, com movimentações rápidas e uma linha de frente estável por escassas horas. Mas qual foi a causa do êxito militar alemão? Este deveu-se, sem dúvida, à qualidade, e não à quantidade. Ou seja, posto de uma forma mais técnica: deveu-se à nova estratégia usada.

A revolucionária estratégia alemã de 1939 conjugava dois conceitos: o tradicional, denominado «Manobra Decisiva», já delineado pelo brilhante general prussiano Helmut von Moltke a partir de 1850; e o proposto por Heinz Guderian nos finais dos anos 20 do século xx, chamado de Guerra Relâmpago (Blitzkrieg). As duas propostas apoiavam-se em bases idênticas, nomeadamente em forças que se moviam com iniciativa e rapidez, que atacavam em frentes sucessivas, organizando uma ação surpresa concentrada numa dessas frentes e derrotando o inimigo numa questão de dias ou semanas, antes que este pudesse reagrupar para atacar numa segunda frente. Com esta tática bélica, a Alemanha perseguia um objetivo estratégico mais amplo: evitar combater em duas frentes, algo que, em 1939, o OKW acreditava ser impossível de gerir.

A manobra decisiva de Moltke, sintetizada na sua célebre frase «marchar separados, atacar juntos», usava a infantaria para atacar a



linha de retirada do inimigo, cercando-o. A Blitzkrieg, por seu lado, empregava concentrações de carros de combate, infantaria mecanizada (transportada em veículos) e aviões, especialmente bombardeiros de voo picado, para, em conjunto, atacar e romper a linha inimiga no seu ponto mais vulnerável. Assim que a frente adversária fosse penetrada, avançar-se-ia de forma veloz até à retaguarda a fim de destruir o centro de comando, algo que deveria ser executado pelas unidades blindadas e mecanizadas. A aviação concentrar-se-ia em destruir os aviões inimigos pousados em terra e as linhas de comunicação, enquanto a infantaria protegia os flancos da brecha criada de forma a neutralizar hipotéticos contra-ataques. A infantaria estaria igualmente encarregada de reduzir as bolsas inimigas que os tanques tivessem deixado atrás de si. Toda esta ação coordenada pretendia derrotar o inimigo de forma absoluta, tanto física como moralmente.



Soldados alemães a interrogar um prisioneiro francês.

Tanto a estratégia de Moltke como a de Guderian exigiam que a Alemanha tomasse a iniciativa do ataque, algo que lhe garantiria a vantagem do fator surpresa, bem como a possibilidade de definir